

Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n.14 - ago. 2013 - pp.253-283 / Dossier n.2 / Brigeiro, M. / www.sexualidadsaludysociedad.org

A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, *ethos* científico e o desinteresse pelo sexo

Mauro Brigeiro

Doutorando em Antropologia Social
Universidade Estadual de Campinas
Campinas, Brasil

> maurobrigeiro@hotmail.com

Resumo: Este artigo trata da emergência da assexualidade. Com base em uma etnografia de comunidades virtuais conformadas por sujeitos autodenominados assexuais e também de artigos que vêm sendo publicados em periódicos acadêmicos a respeito, analiso a conjugação entre política sexual e produção de conhecimento. Os nexos entre as formulações elaboradas por assexuais e as que são realizadas por representantes do campo científico-acadêmico estão entre os aspectos mais idiossincráticos e instigantes dessa emergência. Como uma espécie de dobradiça, o encadeamento mencionado deixa ver os atravessamentos e as preocupações que se configuram atualmente em torno do tema do desinteresse pelo sexo. Busca-se também entender como argumentos e conceitos migram, se desterritorializam e reterritorializam, constituindo-se em meio a tais movimentos e interações. No caso analisado, as agendas de ativismo e de avanço da ciência não só confluem, como parecem em certos momentos confundirem-se. Os resultados permitem uma reflexão sobre o *ethos* científico, sua importância não somente para o campo de estudos sobre sexo, como também para grupos marginalizados em face do ideal de democracia sexual, além de indicar certa fluidez das fronteiras entre leigos e peritos nesse campo de conhecimento.

Palavras-chave: política sexual; conhecimento científico; assexualidade

La emergencia de la asexualidad: notas sobre política sexual, ethos científico y desinterés por el sexo

Resumen: El presente artículo se ocupa de la emergencia de la asexualidad. A partir de una etnografía en comunides virtuales conformadas por sujetos autodenominados asexuales, y de artículos publicados en periódicos científicos respecto del tema, se analiza la confluencia entre política sexual y producción de conocimiento. Los nexos entre las formulaciones elaboradas por asexuales y las realizadas por representantes del campo académico-científico se encuentran entre los aspectos más idiosincráticos e instigantes de dicha emergencia. Como una especie de bisagra, tal confluencia deja ver entrecruzamientos y preocupaciones que en la actualidad vienen configurándose en torno de la cuestión del desinterés por el sexo. Se procura, asimismo, comprender cómo migran conceptos y argumentos, cómo se desterritorializan –y re-territorializan–, constituyéndose entre acciones y movimientos. En el caso analizado, las agendas de activismo y los avances científicos no sólo confluyen sino que, por momentos, parecen confundirse. Los resultados posibilitan una reflexión sobre el *ethos* científico, su importancia no sólo para el campo de estudios sobre el sexo sino también para grupos marginalizados frente al ideal de democracia sexual, además de indicar en este campo de conocimiento cierta fluidez de las fronteras entre legos y especialistas.

Palabras clave: política sexual; conocimiento científico; asexualidad

The emergence of asexuality: notes on sex politics, the scientific ethos, and disinterest towards sex

Abstract: This paper discusses the emergence of asexuality. I analyze how sexual politics and the production of knowledge combine in online virtual communities whose members self-identify as 'asexual,' and on papers on the subject published in scholarly journals. The connections between formulations produced by asexual, and those by scholars and scientists are the most idiosyncratic and exciting aspects of this emergence. As a kind of hinge, the thread mentioned shows the cross-cuts and concerns configured around the topic of sexual disinterest today. I seek to understand how arguments and concepts migrate, are de-territorialized and re-territorialized, and by virtue of those movements become set. In the case study, the agendas of activism and the advancement of science converge, and often mingle. These findings lead to reflection on the scientific ethos and its importance to the field of sexuality studies, as well as to marginalized groups, regarding the ideal of sexual democracy, about the fluidity of boundaries between lay people and experts.

Keywords: Sex Politics; science studies; asexuality

A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, *ethos* científico e o desinteresse pelo sexo

Assexual. Não sexual, antisssexual, celibatário.

Estes termos têm diferentes conotações dependendo com quem você fala, e em diferentes momentos todos eles têm sido aplicados a mim, corretamente ou não. Mas não importa como você a defina, minha “condição” pode ser resumida em uma sentença:

Eu não quero sexo. Pura e simplesmente.

Não se trata de evitar o sexo por medo ou como resultado de uma obrigação percebida moralmente, ou não estar interessado em formar uma família. Eu somente pareço ter sido poupado(a) do desenvolvimento da inclinação sexual – talvez eu não tenha libido, em termos biológicos, ou talvez eu tenha um desinteresse psicológico pela intimidade física, ou talvez um pouco de ambas... Mas o resultado final é que eu simplesmente não tenho interesse em sexo e eu gosto de estar dessa forma.

(Anônimo)

[...] Isto é o que tem sido dito, no entanto, não é que os assexuais se esquivem de relacionamentos, tal qual. Significa simplesmente que buscamos um tipo fundamentalmente diferente de intimidade com nossos parceiros: uma intimidade que, idealmente, não inclua sexo.

Eu digo idealmente, porque há assexuais que têm sexo.

E isto está longe de ser um contrassenso, e isto não diz nada nem sobre a natureza da assexualidade, nem sobre a precisão da sua autoidentificação assexual, não mais do que o fato de os dois filhos de Oscar Wilde terem livrado ele da condenação e encarceramento sob a acusação de atividade homossexual. Sexualidade não é sobre o que você faz, necessariamente. É sobre o que você é e o que idealmente você faria, no caso de uma vida não influenciada pelas demandas dos outros – E a maioria dos humanos não vive esta vida.

(kaw143)¹

¹ Os fragmentos citados foram encontrados na seção Asexual Perspective, na qual são apresentados relatos ilustrativos das diferentes possibilidades da experiência assexual. Extraído de: <<http://>

Os fragmentos anteriores estavam originalmente em inglês e foram extraídos da página web da AVEN (Asexual Visibility and Education Network),² uma comunidade cujos participantes se identificam como assexuais ou expressam afinidades com as discussões que ali são travadas. Trata-se de depoimentos que, como tantos outros que tenho encontrado em *blogs*, fóruns e sites de assexuais, põem em discussão os sentidos e as consequências do desinteresse por sexo, denotando uma clara intenção de ressignificar o assunto. Os discursos dos assexuais indicam certas dinâmicas de diferenciação social que se derivam a partir da manifestação do desejo sexual ou de sua ausência. A leitura de suas declarações sugere para mim um questionamento vigoroso à centralidade do sexo para os laços afetivo-conjugais e para a expressão e a leitura de si realizadas na esfera pública. Ao mesmo tempo, instigam-me a pensar a profusão de questões, categorizações e respostas que se formulam para quem não se interessa por sexo.

As demandas apresentadas pelos assexuais e o modo como relatam suas experiências ampliam de uma maneira nova a agenda de reivindicações no universo das políticas sexuais contemporâneas e, ao mesmo tempo, desdobram-se em um movimento surpreendente de crítica cultural. Suas narrativas expressam um modo *sui generis* de conceber a falta de interesse pelo sexo, divergindo das fórmulas do sentido comum de problematizar essa falta e, de certo modo, das teorizações a respeito, inaugurando novas estratégias para lidar com ela.

Além disso, considero que os nexos entre a proposição da categoria “assexualidade” e a produção e a divulgação do conhecimento científico-acadêmico estão entre os aspectos mais idiossincráticos e instigantes de sua emergência. Com base em uma etnografia de sites como o da AVEN, entre outros, e também dos artigos que vêm sendo publicados em revistas e periódicos acadêmicos a respeito de tal condição, tenho encontrado essa complexa relação, que comporta interesses e agendas particulares, mas reflete também convergência. O discurso construído nos sites sobre assexualidade raras vezes explicita argumentos e conceitos científicos, ou faz menção a algum estudo ou cientista de referência. No entanto, determinados valores, regras, técnicas e noções típicos do campo científico-acadêmico parecem permear o argumento e a aposta política daqueles que promovem a assexualidade.

Observo no site da AVEN um especial interesse de seus membros, ou pelo menos dos administradores do site, de que pesquisadores estudem os assexuais. Esses sujeitos rechaçam serem entendidos a partir da nosologia vigente e tampouco

www.asexuality.org/home/node/26> e <<http://www.asexuality.org/home/node/20>> [Acesso em 28.07.2008]. Estes e os próximos fragmentos citados são traduções livres dos originais em inglês.

² <www.asexuality.org>

requerem dos especialistas qualquer abordagem clínica à sua experiência; porém, ao mesmo tempo, eles convocam pesquisadores para retratá-los em seus trabalhos, ou seja, promover a pesquisa científica e publicações em torno dessa condição. Há também nos sites mobilizações para que haja colaboração dos membros dessas redes virtuais para que sejam voluntários em estudos acadêmicos. Esta intermediação, inclusive, está regida por normas minuciosamente detalhadas. Há outros elementos que respaldam a observação dessa relação especial entre a emergência dessa categoria e o processo de produção do conhecimento científico. A forma de apropriação do termo “assexualidade” da biologia e das pesquisas sobre sexo, o estilo argumentativo adotado nos sites e blogs, a preocupação em definir os critérios para a identificação como assexual e o cuidado em registrar as experiências pessoais dos membros da rede refletem recursos e procedimentos tidos como próprios do âmbito científico-acadêmico.

Quando dirijo meu foco analítico para as revistas e os periódicos especializados, confirmo que a replicação dessa nova categoria nas pesquisas e nos artigos científicos segue em muitos aspectos os conteúdos formulados pelos assexuais. A busca por visibilidade e legitimação do que é a assexualidade, proposta sustentada por estas redes virtuais, vem efetivamente encontrando eco em determinados ramos do campo científico-acadêmico. Cabe antecipar que o perfil dos pesquisadores que têm se dedicado ao tema e a abordagem científica que realizam marcam uma posição peculiar destes atores no interior de um campo especializado – o dos estudos da sexualidade – que obviamente comporta não somente afinidades, alianças e confluências, mas também tensões, divergências e competições. Os estudiosos que tratam hoje da assexualidade estão mais próximos de uma perspectiva interdisciplinar dos estudos sobre sexo e não se confundem com profissionais das áreas biomédicas, que se afiliariam melhor ao ramo atualmente conhecido como da medicina sexual.

A conjugação entre política sexual e produção de conhecimento que encontro na emergência dos assexuais é um dos elementos-chave da incursão etnográfica que realizo desse caso. Como uma espécie de dobradiça, o encadeamento mencionado parece-me útil não somente para a análise desse evento em particular, mas para estabelecer comparações e analogias com outros processos históricos e transnacionais envolvendo disputas acirradas sobre a definição de verdades acerca do sexo, envolvendo atores e procedimentos e produtos do campo científico.³

³ Em função deste caso e de outros identificados do universo dos especialistas em sexo, desenvolvo uma pesquisa mais ampla para minha tese de doutorado que tem como objetivo mapear as controvérsias em torno da problematização do desinteresse pelo sexo e da definição da noção de desejo sexual expressas na produção científico-especializada.

Seguindo a pista deixada por Rubin (1993 [1984]), assumo a premissa de que em momentos de intensa contenda sobre os significados das coisas sexuais o domínio da vida erótica é reconfigurado.

Particularmente, interesse-me por entender como o campo de produção de conhecimento sobre sexualidade é atravessado por e atravessa tais processos de disputa acerca do desinteresse pelo sexo, guiando-me pela curiosidade sobre como os cientistas-acadêmicos, suas ideações e as instituições que representam são convocados, cooptados ou se alistam aí como agentes. Busco também entender como argumentos e conceitos migram, se desterritorializam e reterritorializam, constituindo-se em meio a tais movimentos e interações. No caso analisado, as agendas de ativismo e de avanço da ciência não só confluem, como parecem em certos momentos confundirem-se. Aposto na fecundidade de trazer este tipo de análise sobre a produção de saberes sobre o sexo no marco de uma tradição cognitiva da antropologia e dos debates dos estudos sociais da ciência. Analisar a assexualidade me importa à medida que me faculta explorar os intercruzamentos entre a produção científico-especializada e a formulação de reivindicações de grupos marginalizados em face do ideal de democracia sexual. Interessa-me também por facilitar uma abordagem privilegiada ao *ethos* científico⁴ do campo de estudos sobre sexo, tomando as diferenciações no seu interior e as fronteiras entre leigos e peritos nesse campo de conhecimento. Disso tratarei no presente artigo.

A aproximação ao universo dos assexuais

O que se quer dizer com assexualidade? Em que isto consiste? Qual a origem do termo? Teria ele sido formulado por algumas das pessoas que se denominam assexuais? Seria talvez uma apropriação das produções construídas pelos especia-

⁴ A noção de *ethos* científico é tributária do trabalho clássico de Robert Merton, *Teoria e Estrutura Social* (2002 [1949]), que de forma pioneira propõe uma reflexão sobre as normas morais da ciência. Há uma tradição de trabalhos que dialogam criticamente com as formulações seminais de Merton (Cupani, 1998; García, 2010; García & Martins, 2011, entre outros), argumentando sua validade no campo temático dos estudos sociais da ciência e da técnica. Mesmo a par das críticas de que a noção de *ethos* científico parece ter perdido sua função para o tratamento da ciência tal qual se apresenta hoje (uma ciência globalizada, fortemente atravessada por lógicas da indústria e por imperativos mercadológicos), retomo-a aqui para ressaltar as normas, os valores e os procedimentos ideais de produção de conhecimento científico. Esta opção se justifica especialmente por considerar que os ideais científicos clássicos possuem atualmente tanto o aval da ciência como o de outros atores sociais. Ademais, as dinâmicas referentes ao cumprimento ou não cumprimento desses ideais e normas clássicas constituem um interessante tópico de observação para analisar em meio a controvérsias científicas.

listas em sexualidade? Qual o estado de reconhecimento dessa categoria para além da rede mencionada e de outras vinculadas a ela? Estas foram as perguntas que fiz ao me aproximar desse universo empírico. Mas elas foram somente as perguntas iniciais, ao longo do estudo outros interrogantes foram se somando a estes.

A respeito de minha aproximação ao tema, a primeira vez que ouvi o termo “assexual” formulado segundo uma categoria identitária, e não sob a forma de um adjetivo, foi em meados de 2007. Nessa época, eu era professor na Colômbia e, reunido com um grupo de pesquisadores, estudantes e colaboradores de um centro comunitário, definíamos os últimos ajustes do questionário a ser aplicado na Marcha pela Cidadania LGBT de Bogotá, a propósito de um estudo de caracterização dos participantes desta manifestação pública. A enquete incluía perguntas com opções de respostas fechadas, uma delas sobre categorias de identificação sexual. Durante a avaliação do instrumento, um dos estudantes sugeriu que, entre as opções listadas, deveríamos incluir a de assexual e explicou-nos rapidamente em que consistia. Segundo ele, tratava-se de uma nova identidade cunhada por pessoas que não sentiam atração sexual.

Para a maioria dos presentes, esta e outras identidades evocadas e explicadas na ocasião não pareciam frequentes e nos questionávamos sobre a pertinência de incluí-las. Naquele contexto, não me parecia especialmente relevante a sugestão do rapaz, mas ficou-me a lembrança da perplexidade de todos e uma boa dose de curiosidade a respeito. A proposta não foi considerada e decidimos, em consenso, deixar aberta a última opção de resposta a este quesito, para dar cabimento a opções diferentes das apresentadas de antemão, ou seja, as mais usuais. Efetivamente, nenhuma das pessoas entrevistadas no estudo mencionou identificar-se como assexual. O tema se arquivou para mim durante um determinado período.

Em meados de 2008, eu já estava novamente no Brasil, iniciando meu curso de doutorado. Buscando bibliografia sobre teoria *queer* na internet, encontrei uma menção a uma comunidade de assexuais. Em um momento em que a proliferação de novas categorias no universo das classificações sexuais era tão expressiva que chegava eventualmente a parecer um fenômeno banal, aquela categoria poderia ser somente mais uma, entre tantas. Não obstante, o termo “assexualidade” soava um tanto técnico e o sentido que sugeria era-me bem provocativo. Ressurgiu então a curiosidade e cliquei sobre o *link* encontrado. Assim cheguei ao site da AVEN.

Ao entrar na página, um dos primeiros conteúdos que vi foi uma definição, em letras maiúsculas e na cor violeta: “ASEXUAL: A PERSON WHO DOES NOT EXPERIENCE SEXUAL ATTRACTION”. O desenho da página era sóbrio, com alguns quadros também na cor preta e cinza, e o que se via em primeiro plano era a definição do termo. Além do triângulo invertido, ícone da assexualidade, não havia mais imagens e o conteúdo apresentado era bem sintético. Logo abaixo

da definição, em letra menor, encontrava-se uma mensagem de boas-vindas e uma apresentação da página. Naquela ocasião, havia também lá um esclarecimento de que a “assexualidade” seria diferente do celibato; a primeira indicaria uma “orientação sexual”, enquanto o segundo representaria uma escolha.⁵

Encontrava-se na parte superior um menu de opções com entradas para cada uma das seções da página. Entre elas, havia uma de respostas para perguntas frequentes (FAQ) e informações para familiares, amigos e sobre relacionamentos com assexuais. Havia também uma seção exclusiva para informações sobre a rede (com opção de entrar em um espaço de *chat* e uma loja virtual). Outra seção, chamada “Asexual Perspective”, estava reservada para depoimentos e ilustrava diferentes histórias referentes à experiência assexual. As seções seguintes eram: uma para os vídeos, outra para os *links* recomendados e uma última para contatos com os administradores da rede. Do lado esquerdo, uma pequena janela dava entrada para os fóruns de debate da rede, aliás, bastante frequentados, registrando um considerável nível de atividade. Mais abaixo, encontrava-se a imagem do último número do boletim informativo “AVENues” e, em seguida, um quadro à parte com a mensagem selecionada da semana. Na parte inferior, um sumário com as atividades recentes e avisos e convocatórias para ações de incidência política e visibilidade. Na moldura inferior da página, estavam dispostas 13 bandeiras de países de todos os continentes, fazendo referência a núcleos da AVEN que se expressam nos idiomas oficiais desses países (em maio de 2013 já eram 16).

Ao ler o conteúdo apresentado nas diferentes seções da página web, minha curiosidade deu lugar à surpresa. O assombro não foi exatamente com a informação de que as pessoas inscritas nessa comunidade não experimentassem interesse por sexo. Ainda que isso seja extraordinário, o que me pareceu realmente surpreendente, naquele momento, foi o fato de tal condição ser objetivada politicamente e tornar-se um elo de afinidade entre um grupo aparentemente tão numeroso de pessoas.⁶

A AVEN é considerada uma iniciativa pioneira na promoção da questão da assexualidade, constituindo-se como uma espécie de marco zero da rede e mantem-

⁵ Desde o início da pesquisa, o *layout* da página web já mudou algumas vezes, mas mantém alguns de seus elementos distintivos, como a sobriedade, os tons de preto, cinza, roxo e branco, a definição de assexualidade na página inicial, bem como a maioria de suas seções originais.

⁶ Nessa data, verifiquei que havia mais de 6.000 pessoas inscritas na AVEN. Atualmente, a informação de membros inscritos nesta comunidade não se encontra disponível. Não descarto a possibilidade de que a extensão desta rede fosse menor e aquelas cifras manipuladas para conferir magnitude e uma imagem de consolidação do movimento. Em relação também à quantidade de páginas sobre assexuais, tenho percebido casos em que uma mesma pessoa possui mais de um *blog*. De todo modo, os fatos aqui apontados não anulam a curiosa configuração ideológica sustentada sobre o tema na Internet.

do-se como seu principal núcleo. Ela ocupa um lugar destacado no universo dos assexuais. Iniciou-se formalmente em 2001 e tem a internet como sua principal base de interlocução e ação política. Seu surgimento remonta a um *blog* criado anos antes por David Jay, um dos membros mais visíveis da rede, na época um estudante secundarista da cidade de San Francisco. A proposta, elaborada nos Estados Unidos, expandiu-se em poucos anos para além das fronteiras desse país.

Tomando-a como ponto de partida, pude chegar a uma extensa rede de assexuais. Entrando pela seção “Link”, destacada em seu menu principal, encontravam-se listados naquela ocasião nove sites comunitários, seis sites pessoais e 13 blogs, todos replicando a discussão da assexualidade e guardando vínculos com novas páginas.⁷ Na parte inferior do site, cada uma das bandeiras ali dispostas constituíam os vínculos que conduziam os visitantes para núcleos da rede destinados a falantes de idiomas diferentes do inglês, ou seja, páginas desta mesma rede em alemão, francês, espanhol, italiano, russo, hebraico, polonês, japonês, mandarim, turco, finlandês, holandês e tcheco. Atualmente, estão incluídas a bandeira de Portugal – que remete a um fórum com membros brasileiros – a da Suécia e a da Noruega (a do Japão já não está lá). Essa variabilidade linguística indica, de certo modo, o raio de alcance dessa comunidade virtual. Ainda que a página web da AVEN em inglês pareça ser a mais incrementada dessa rede, surpreendeu-me o modo como sua proposta e conteúdo estavam se replicando e chegando progressivamente a contextos tão diversificados.

A AVEN constitui um dos núcleos destacados de promoção do tema, mas não é a única. Ainda que ela seja certamente a maior e seu conteúdo bem hegemônico, há sites análogos, com concepções um pouco distintas. Segundo o que escrevem os próprios assexuais, desde as primeiras menções públicas sobre a assexualidade no ano 2000, sua disseminação em nível mundial tem sido crescente. A cada nova consulta sobre o tema nos buscadores de internet, confirmo que as referências de sites e blogs sobre assexuais se expandem continuamente. As alusões a seu respeito vêm se propagando em um ritmo exponencial, tanto no espaço virtual – principal plataforma de sociabilidade e incidência política de assexuais – quanto na mídia impressa e televisiva. O número de membros registrados nesses coletivos e redes está continuamente crescendo, sobretudo em língua inglesa (mas não somente), fazendo parecer que cada vez são mais numerosos os sujeitos que se identificam usando essa categoria.

Percebo que essa crescente popularização está ainda em curso e parece chegar mais acentuadamente a certos contextos que a outros. Esta ressalva ajuda a reconhecer, em melhor medida, a projeção do tema atualmente. A noção parece ser ainda

⁷ A quantidade informada tem variado ao longo do tempo.

pouco conhecida no sentido comum. Nas notas publicadas na mídia, até o momento em que escrevo estas linhas, o tom empregado para apresentar a assexualidade é ainda o de uma novidade. Em conversas com amigos residentes no Brasil, na Colômbia, na França, em Portugal e mesmo nos Estados Unidos, percebo que a vulgarização a respeito tem um alcance delimitado; mediante minhas perguntas, eles me dizem nunca terem ouvido falar, ou afirmam somente terem ouvido vagamente algo a respeito. A disseminação deste e de outros temas na internet, mesmo em um ritmo mais veloz, se dá, como no mundo não virtual, em função de determinados circuitos, como os das redes de discussão políticas e acadêmicas sobre sexualidade.

Mesmo que mais acentuadamente em determinados contextos, a popularidade do tema é crescente e, efetivamente, a assexualidade vem atraindo os olhares acadêmicos, as curiosidades dos meios de comunicação e suscitando os mais diversos afetos e polêmicas na internet e fora dela. Cogito três principais razões para isso. A assexualidade se apresenta como um fenômeno insólito e, portanto, curioso: ao negar o sexo, os argumentos dos assexuais desestabilizam verdades muito arraigadas sobre esse domínio da vida, inclusive axiomas oriundos do saber especializado acerca do desejo sexual. A seguinte razão para que o tema chame a atenção se relaciona com seu potencial para brindar sentido a uma variedade de experiências, concorrendo com explicações biomédicas vigentes quando se trata do desinteresse pelo sexo. A terceira justificativa tem a ver, em certo grau, com a geração de um discurso de tipo emancipatório em torno do assunto, politizando um tema usualmente circunscrito à vida íntima ou à abordagem clínica.

Estas justificativas, em certa medida, também incitaram meu interesse sobre o tema. Afinal, a emergência dessa nova categoria e a discussão que convoca sobre o desinteresse pelo sexo representam um fato inédito, e eu, como outros pesquisadores, também fui capturado por isso. No entanto, minha motivação de estudar os assexuais tem a ver não somente com a originalidade que encarnam ao se afirmarem uma nova orientação sexual. Decidir pesquisá-los é decorrente, sobretudo, da constatação de que suas formulações incorporam traços do *ethos* científico, têm reverberado para o campo científico (devido à convergência de interesses políticos e de pesquisa) e estabelecem um contraponto especial com a visão biomédica sobre o tema. A minha curiosidade em relação aos assexuais conduziu-me a identificar a existência de uma controvérsia sobre o tema do desinteresse pelo sexo e perceber também que ela se atualizava no campo científico-especializado. Considerando em tal controvérsia os vários atores, agendas e interesses em jogo, venho refletindo sobre as relações contemporâneas entre saber e poder. Através da descrição e da análise da emergência dos assexuais, bem como de pesquisas já publicadas sobre eles, é possível ressaltar os agenciamentos mútuos entre produção acadêmico-científica e políticas sexuais.

Destaco ainda que o caráter de novidade mencionado constitui um valor tácito tanto para os acadêmicos como para os mesmos assexuais dedicados a promover tal condição que os define. O aspecto que encontro mais curioso do investimento que cientistas fazem sobre o tema, com todos os seus procedimentos científicos, é a replicação do discurso defendido pelos assexuais. Ideias que antes eram aceitas como axiomas são revisitadas por pesquisadores ao estudarem a assexualidade.

A legitimação obtida através da chancela científica seria outro desses vínculos que conectam os assexuais à ciência. Sobre esse elemento, cabe uma ressalva: os assexuais buscam através da ciência um meio de legitimação de seus discursos; mas não somente isso. Eles também desterritorializam e retorritorializam conceitos e procedimentos advindos do campo científico e especializado. Como descreverei a seguir, a relação que os assexuais estabelecem com a ciência não se pode descrever de uma perspectiva utilitarista. Embora seja certo que os assexuais visam à legitimidade de seus argumentos através de sua inclusão no campo científico, também é certo que acreditam nos procedimentos científicos e em certos conceitos e raciocínios, pois, segundo seus argumentos, eles seriam realmente capazes de atestar veracidade à assexualidade. Desenvolvo essas reflexões mais detidamente nos tópicos a seguir.

Definindo a assexualidade: continuidades e rupturas com o conhecimento especializado

A AVEN define a assexualidade como uma orientação sexual, entendendo-a como uma condição intrínseca das pessoas. As experiências dos sujeitos expressas nos vários depoimentos constituem o fundamento mais evidente, senão o mais importante, de sua argumentação. Observando a promoção do tema na internet, constato que os depoimentos são por excelência o formato empregado para promover o discurso assexual. A numerosa quantidade de blogs (em contraste com os sites comunitários) e os muitos depoimentos gravados e postados em sites de compartilhamento de vídeos, além do espaço privilegiado nas comunidades virtuais para os *chats* e a publicação de histórias de vida, evidenciam o acentuado valor dado às experiências pessoais na formulação dos argumentos derivados desse universo social. Tal ênfase, segundo minha leitura, fortalece a eloquência de seus discursos.

A definição de assexual que consta no site da AVEN, assim como em outros, é bem curta: “pessoa que não experimenta atração sexual”. A sentença é muito simples e comporta algo de imprecisão, permitindo diferentes interpretações. Entretanto, este aspecto não subtrai a potência de tal definição, ao contrário, parece facilitar diferentes possibilidades de identificação com ela e, conseqüentemente,

amplia seu raio de alcance e sua replicação. Os depoimentos que tenho encontrado enfatizam experiências de pessoas que nunca se sentiram interessadas por outra em um sentido sexual, ou que o experimentaram apenas em uma etapa da vida e depois não voltaram a senti-lo; outras expressam sentir habitualmente interesse de tipo romântico, sem qualquer conotação que se entenda como sexual, mas há quem não se interesse por relacionamentos românticos em absoluto; alguns tentaram experimentar contatos sexuais, outros o praticam regularmente, sem um desejo especial, e há também os que relatam jamais terem feito sexo.

De fato, a generalidade da definição não compromete sua consistência; antes, pesa mais a favor de seu poder de conferir significados a experiências diversas. Além disso, o estilo geral, porém preciso, que prima nas explicações encontradas no site da AVEN e de outras páginas parece favorecer que diferentes pessoas encontrem sentido e lógica nas definições dadas, fortalecendo a imagem de um grande contingente de pessoas que compartilhem essa condição. Os aspectos que ficam subentendidos na definição geral ganham contornos mais específicos e detalhados exatamente através dos relatos constantes dos depoimentos, dos *chats* e fóruns. Os depoimentos exemplificam e, simultaneamente, complementam a definição. Em função disso, a categoria assexual abarca efetivamente uma grande diversidade em seu interior. Isto pode se notar na página web da AVEN (e em tantas outras):

Um assexual é alguém que não experimenta atração sexual. Diferente do celibato, que as pessoas escolhem, a assexualidade é parte intrínseca do que nós somos. Assexualidade não faz de nossas vidas piores ou melhores. Nós somente enfrentamos um contexto de desafios diferentes que a maioria das pessoas. Há uma considerável diversidade no interior da comunidade assexual; cada pessoa assexual experimenta de maneira diferente coisas como relacionamentos, atração e excitação.⁸

Não obstante as diferentes experiências que comporta, a assexualidade se define também por oposição a experiências análogas, como as relacionadas à ausência de prática sexual. Como se nota na citação anterior, a definição de assexualidade se delimita a partir de uma diferenciação com o celibato, considerado uma escolha.⁹ A assexualidade, por sua vez, é explicitada como uma condição que

⁸ Extraído de: <http://www.asexuality.org/home/overview.html> [Acesso em 12.06.2010].

⁹ O sentido de celibato adotado é o de um estado de alguém que se abstém de ter relações sexuais; não exatamente alguém solteiro, pois há muitos que se consideram assexuais e são casados. Isto se pode deduzir também pelo emprego do termo “escolha”, que deixa subentendida a existência de interesse sexual entre os celibatários e que tal desejo estaria submetido a um controle, visando à abstinência.

pressupõe uma ausência de controle dos sujeitos sobre seu processo de constituição. Nesta medida, a assexualidade faz jus ao estatuto de “orientação sexual”, de acordo com o seu sentido mais estrito, empregado pelos especialistas. A “assexualidade” seria a quarta orientação, tão válida e merecedora de aceitação como a heterossexualidade, a homossexualidade, a bissexualidade. O esclarecimento da diferença com o celibato deixa em aberto a possibilidade de se presumir que algumas noções são empregadas pelos assexuais no sentido mais ilustrado, mesmo sem referências explícitas a obras acadêmicas.

Se, por um lado, a assexualidade é uma condição e não uma escolha, por outro, a avaliação sobre assumir tal identidade como adequada para si depende exclusivamente de uma avaliação subjetiva. No site da AVEN, na seção de perguntas frequentes (FAQ), o primeiro item que aparece remete a questões relativas à identificação da assexualidade. Em várias respostas, a orientação é a de que somente o próprio sujeito, a partir da explicação geral, pode avaliar se é ou não assexual.

O assexual é alguém que não experimenta atração sexual. No entanto, só você pode decidir qual etiqueta melhor lhe convém. A leitura deste FAQ e dos demais materiais deste site podem ajudar você a decidir se é ou não assexual. Se você acha que o rótulo assexual descreve melhor você, você pode escolher se identificar como assexual.¹⁰

É interessante sublinhar o grau de eloquência em seus discursos. Os termos empregados são articulados de modo bem preciso. O estilo usualmente adotado nos sites, em especial no da AVEN, pode de forma eventual confundir-se com aqueles que encontramos com frequência no contexto acadêmico, mesmo que as definições pareçam mais fluidas e imprecisas. Um dos traços do estilo usual que observo na promoção dessa nova orientação sexual é o recurso retórico de defini-la a partir do que ela não é, algo também comumente empregado pelos especialistas. Nos blogs, por exemplo, as pessoas argumentam terem chegado à assexualidade depois de considerarem outras explicações e categorias disponíveis que, por sua vez, não pareciam ser razoáveis o suficiente para sintetizar suas experiências. O procedimento, como tenho entendido, faz-se por diferenciação ou discriminação.

É oportuno descrever aqui uma passagem do trabalho de campo ilustrativa da linguagem empregada pelos assexuais e de seu efeito de ressignificar as formas de entender o desinteresse pelo sexo. Em uma das poucas vezes que ingressei no *chat* da AVEN, logo que conheci o site, passei por uma experiência inusitada. Ha-

¹⁰ Extraído de: <http://www.asexuality.org/home/general.html>. [Acesso em 08.08.2010].

via três pessoas conversando e, quando entrei, me cumprimentaram cordialmente. Conversávamos em inglês e bem no início lhes pedi desculpas, caso escrevesse algo de maneira errada ou incompreensível, dado meus limites de escrever nessa língua. Disseram-me que não me preocupasse, pois achavam que eu me expressava bem e elogiavam meu esforço. Entre as perguntas que me fizeram, uma me causou especial estranheza, e não foi exatamente por uma dificuldade idiomática, e sim pelo que sua formulação me desafiava a decodificar. A pergunta foi:

– *Are you sexual?*

Eu nunca havia pensado naqueles termos, ainda que já tivesse encontrado na página da AVEN esse esquema binário de divisão entre sexuais e assexuais. A pergunta, mais que fazer pensar nos significados da assexualidade, impôs que eu me posicionasse de um ou outro lado de uma fronteira estranha. Efetivamente, tal binarismo trazido pelos assexuais ficou totalmente claro para mim a partir daquela pergunta. A construção da figura do “assexual” implicava também a do “sexual”. E, através de tal questionamento, percebi que tal divisão, proposta de modo tão simples, sintetizava uma operação lógica que rompia de forma radical com a inteligibilidade convencional sobre o tema.

Se, por um lado, a noção de “orientação sexual” reproduzida pelos assexuais indica continuidade com o discurso dos especialistas, por outro, a divisão binária entre “assexuais” e “sexuais” marcaria uma ruptura com as concepções convencionais e especializadas a respeito do sexo. A relação entre a emergência da assexualidade e o saber especializado está indicada por estas e outras continuidades e rupturas. Descrevo a seguir algumas das rupturas.

Ao longo do acompanhamento dos sites e das demais produções dos assexuais, tenho percebido uma operação discursiva que toma noções usualmente empregadas no discurso especializado sobre o sexo e as decompõem em novas categorias. O procedimento pressupõe reflexividade e considerável acuidade na elaboração escrita. Um importante exemplo neste sentido se verifica na noção de “atração”. Os assexuais discriminam-na em modalidades variadas, fazendo ver uma partição onde comumente havia um aglomerado. Ao tratar da inclinação por um parceiro ou uma parceira, excluem desta qualquer sentido sexual:

Atração

Muitos assexuais sentem atração, mas nós não sentimos a necessidade de extravasar essa atração sexualmente. Ao invés disso, nós sentimos um desejo de conhecer as pessoas, de estarmos perto delas da forma que melhor funcione para nós. Pessoas assexuais que sentem atração frequentemente

se sentem atraídas por um gênero particular e se identificam como lésbica, gay, bi ou hétero.¹¹

De forma tácita, tanto no conhecimento especializado (incluindo o das ciências sociais) como no senso mais comum, a atração pressupõe ser de tipo sexual. Inclusive, a orientação sexual é identificada segundo o reconhecimento dessa atração, seja ela por homens, mulheres ou por ambos. Na experiência dos assexuais, a atração existe, ela somente não é de tipo sexual, podendo ser estética, afetiva ou de outra ordem. A atração sexual seria uma modalidade particular, em vez de ser tomada como uma noção que engloba e determina o interesse.

Segundo suas formulações, nem a atração nem a orientação dependeriam de um sentido sexual. Para os assexuais, o afeto por um parceiro não está vinculado ao sexo, ou seja, esse afeto está *grosso modo* destituído do desejo sexual ou não se expressa sexualmente. Assim, a assexualidade dá cabimento a híbridos interessantes, como “homoafetivo”, “heteroafetivo”, “biafetivo” etc. Nessas combinações, os assexuais operam uma cisão na definição usual de orientação sexual: para seu entendimento, excluem seu aspecto sexual, mas preservam o componente de gênero. A inclinação de um assexual por alguém não seria sexual, mas pode ser, digo eu, “generificada”. Assim, não seria nem o desejo sexual, nem qualquer outro elemento de natureza sexual a conectá-los com seus parceiros, abrindo novas nuances e porosidades entre o que se convencionou serem as relações de amizade e as de casal. Os diferentes tipos de “atração” apresentados deslocam e destronam explicitamente o desejo sexual como componente ideal da afinidade entre um casal.¹² Como se pode inferir a partir deste caso, a atração sexual não seria necessariamente a modalidade preponderante ou englobadora das demais na base da constituição de uma relação a dois ou da conjugalidade. Na lógica apresentada pelos assexuais, a qualificação de “sexual”, geralmente acoplada à noção de “atração”, torna-se contingente.

¹¹ Extraído de: <http://www.asexuality.org/home/overview.html> [Acesso em: 14.06.2010].

¹² Como se pode supor, o sexo nos relacionamentos a dois é tratado como um dos principais problemas para os assexuais, em particular para aqueles que se envolvem em relacionamentos “românticos” ou “afetivos” com pessoas “sexuais” ou “não assexuais”, para usar os termos êmicos. A falta de sexo no casamento ou no namoro é vista como um fator de conflito com o parceiro ou a parceira, o que afeta alguns assexuais. Na seção de perguntas frequentes da página da AVEN, há uma subseção exclusiva para questões sobre relacionamentos. Lá se podem encontrar respostas para três conjuntos de perguntas: as gerais, as de assexuais e as de sexuais. Ao ler as diferentes perguntas e respostas, noto que não há uma apologia contra os relacionamentos, ainda que exista o reconhecimento de que alguns assexuais não estão interessados em envolver-se em relacionamentos a dois. E para cada detalhamento da experiência, novas categorias: os assexuais podem ser divididos entre os “a-românticos” e “românticos”, de acordo com o seu desejo de estabelecer um par romântico. Para os “românticos”, apesar das dificuldades conjecturadas, as respostas dadas à questão do relacionamento afetivo ou conjugal sem sexo são bastante encorajadoras.

Além da “atração”, o conceito de excitação, tão caro às teorias sobre a “resposta sexual humana” propalada pelos especialistas do sexo, também é revisto nas proposições dos assexuais. A apreensão a respeito é bem original, pois dissocia a excitação do desejo em relação a um dado parceiro:

Excitação

Para alguns assexuais a excitação é um acontecimento bastante regular, embora ela não seja associada com o desejo de encontrar um parceiro sexual ou parceiros. Alguns irão ocasionalmente se masturbar, mas não sentem desejo de uma sexualidade a dois. Outras pessoas assexuais sentem pouca ou nenhuma excitação. Devido a que não nos importamos com o sexo, as pessoas assexuais não veem a falta de excitação sexual como um problema que deva ser corrigido e focalizam sua energia desfrutando de outros tipos de excitação e prazer.¹³

Na emergência da assexualidade, outra ruptura pode ser vista na crítica (tácita) à ideia corrente para os especialistas de que a prática sexual é uma expressão de uma vida saudável. A argumentação dos assexuais localiza a assexualidade fora do conjunto de disfunções sexuais e na medida em que a falta de desejo não constitui um problema para os sujeitos, não haveria razão para buscar nem uma causa nem uma cura. É importante anotar ainda que seus discursos não pretendem desacreditar a existência de problemas relacionados ao desinteresse pelo sexo que exijam a consulta a um médico ou terapeuta, existindo uma menção no site da AVEN a respeito. O que fazem, mais exatamente, é enfatizar a diferença desses casos com a assexualidade.¹⁴

As descrições referentes às formulações dos assexuais apresentadas acima destacam seu aspecto mais característico, a meu ver, o trabalho de dessexualização da experiência humana, que parece não poupar nenhuma de suas dimensões.¹⁵ Neste sentido, a assexualidade vem a ser uma nova classe sexual às avessas.

¹³ Extraído de: <http://www.asexuality.org/home/overview.html> [Acesso em 14.06.2010].

¹⁴ Não é possível afirmar que a relação estabelecida pelos assexuais com a ciência seja marcada por uma crítica aberta contra a medicalização da sexualidade. Trata-se de uma crítica de outra ordem. Não negam a importância e a validade da medicalização da sexualidade, mas criam um âmbito de exceção em seu interior, concorrendo com ele. Não negam a possibilidade de que o desinteresse possa ser a expressão de um problema de saúde, mas abrem um precedente lógico particular que concorre simbolicamente com o saber biomédico, implicando um recurso alternativo de interpretação do problema. Talvez aí resida a radicalidade dos assexuais.

¹⁵ A masturbação, no sentido de um autoerotismo, é uma prática controversa que gera muitos debates nos fóruns assexuais. Questiona-se se ela seria compatível com a definição de assexualidade e em que termos. Ainda que sobre ela também seja operado um procedimento

Desterritorialização e territorialização de conceitos e procedimentos

O termo assexualidade e as menções à biologia e a Kinsey

Como venho argumentado, a assexualidade, nos termos convencionais aqui apresentados, é uma categoria formulada pelos próprios assexuais. Seria errôneo, porém, imputar a eles sua autoria de forma absoluta. Decerto, a busca pela origem de uma ideia ou conceito é tarefa bem mais complexa e menos linear do que ligeiramente se pode supor. Considero que os conceitos sejam derivados de uma multiplicidade de influências e forças, em tempos diversos; são derivados de um agenciamento. Atribuir-lhes uma autoria única ou definitiva seria negligenciar um trabalho extenso de correlações. Esta perspectiva é tributária do pensamento de Deleuze e Guattari (1995) e pode sintetizar-se bem na afirmação de que um autor é sempre vários autores.

Na criação de um conceito, como em qualquer processo de ideação, somos sempre herdeiros e cooptados; e logo seremos multiplicados. Assim, a categoria “assexualidade” é mais interessante de ser pensada em um circuito de coisas, movimentos e ideias que é exterior aos próprios assexuais. As informações etnográficas que trago são úteis para posicionar os assexuais como integrantes desse circuito, o que não significa, no entanto, em absoluto, ignorar sua centralidade na determinação da assexualidade como um substantivo. Busco, mais precisamente, mostrar como tal categoria ocupa um lugar de interface entre as políticas sexuais e o conhecimento científico-especializado. Retomo então a descrição etnográfica.

Lembro-me de que nas primeiras vezes em que acessei a página da AVEN foi curioso perceber que pessoas sem as credenciais das disciplinas médicas ou psicológicas postulassem, por exemplo, a assexualidade como uma “orientação sexual”. Chama a atenção a propriedade com que são formuladas as definições sobre a sexualidade neste site e em outros a ele vinculados. Um exemplo, entre vários outros, seria a precisão com que argumentam que ser assexual não seria incompatível com praticar sexo, diferenciando claramente prática sexual e identidade. Há muita rigurosidade no modo como são tratados termos como “atração”, “excitação”, “sexualidade”, mesmo que à primeira vista não se identifique o peso do jargão especializado e tampouco o emprego de referências bibliográficas.

De fato, a referência a conhecimentos especializados e científicos é pratica-

de dessexualização, reconhece-se a possibilidade de que para alguns assexuais ela tenha um sentido sexual. Argumenta-se, nesses casos, que seria uma sexualidade voltada para si mesmo. O tema é complexo e mereceria ainda uma análise mais detida, que não realizarei aqui. Restrinjo-me somente a indicar que a masturbação tem me parecido até o momento a prática mais difícil para os assexuais de dessexualizar.

mente nula, tanto na AVEN como em outros sites relacionados, à exceção de um deles, destinado a divulgar as pesquisas científicas a respeito da assexualidade. No entanto, mesmo que as explicações disponíveis e propagadas virtualmente não façam referências explícitas a conhecimentos científicos e conceitos referendados pelos especialistas, suas formulações entrariam facilmente em diálogo com o discurso especializado, exatamente por sua propriedade. Além disso, em fóruns e blogs relacionados à AVEN, pode-se notar certas referências à categoria “assexual” advindas do universo científico que usualmente são ou eram associados ao emprego do termo.

Proveniente do discurso da biologia, o termo “ameba”, comumente mencionado nos primeiros blogs de assexuais, foi originalmente evocado como um dos símbolos da assexualidade. A ameba, por sua forma de reprodução, é caracterizada cientificamente como assexual. O termo ameba foi empregado em textos de assexuais que circulavam na internet previamente à formação das redes virtuais de assexuais, no final dos anos 90, e também usado para nomear uma das primeiras comunidades de assexuais criada, a Haven for the Human Amoeba. Este fato é interessante por indicar que as formulações seminais realizadas por assexuais guardam vínculos com a terminologia do campo da biologia.

Neste mesmo sentido, há sites como o Wikipédia e blogs assexuais que empregam como referência para sua argumentação os estudos de Alfred Kinsey. Este famoso sexólogo formulou no final dos 40 uma escala para medir a orientação sexual, conhecida como “Escala de Kinsey”. O instrumento estava orientado pela crítica à ideia de que a homossexualidade, a heterossexualidade e a bissexualidade seriam categorias discretas. Tal escala era condizente com uma visão mais fluida e gradual das orientações sexuais e considerava uma gradação entre elas, segundo as práticas dos sujeitos, que poderiam se posicionar entre o exclusivamente heterossexual ao exclusivamente homossexual. Quem não se posicionasse em nenhum ponto entre os dois extremos, em uma gradação de zero a seis, não poderia ser classificado pela escala, sendo considerado “assexual”.

Note-se que na formulação de Kinsey o termo não indicava uma orientação sexual, o que diverge da formulação defendida pelos assexuais, tratando-se somente de uma categoria residual. Não havia uma conceptualização a respeito, ocupando um lugar periférico em tal produção sexológica. Nos resultados das pesquisas de Kinsey e seus colaboradores, estimava-se que 1% da população poderia classificar-se como assexual. Ao fazer referência a estes dados, opera-se nesses sites uma espécie de isonomia entre a noção empregada por antigos estudos sexológicos e a que se sustenta nas comunidades atuais de assexuais, não obstante suas diferenças. Para os assexuais, ela tem conteúdo, um estatuto próprio. Por outro lado, a ideia de gradação e fluidez verificada na lógica dos especialistas é

também empregada na retórica assexual, mas neste caso implica a inclusão da assexualidade entre as orientações sexuais.¹⁶

A promoção da assexualidade no campo científico

Em relação à AVEN, sua criação pautou-se em função de dois objetivos principais, conforme consta no site. O primeiro intuito foi promover a aceitação e a discussão pública da assexualidade, e o segundo, facilitar o crescimento da comunidade assexual. Segundo essa rede, a visibilidade vem a ser uma das condições para alcançar estes objetivos. Mas tal visibilidade parece ser também condição de um objetivo correlato, neste caso de caráter implícito, o de atestar a existência da assexualidade. Conforme entendo, quanto mais visíveis os assexuais, mais fácil a existência de sua condição se torna inteligível a todos.

A busca por visibilidade social tem sido um recurso-chave para muitos movimentos de luta contra determinadas hegemonias sexuais, e os assexuais engrossam essa tradição. No caso dos assexuais, a proposta de ganhar visibilidade vem sendo alcançada de diferentes formas. Uma delas é através das informações disponíveis e disseminadas através da internet, empregando sua diversidade de recursos e as muitas possibilidades de reprodução. Busca-se também visibilidade através da mídia, geralmente ávida por temas relacionados a sexo, em especial os mais controversos ou curiosos. Percebo que os assexuais vêm sabendo aproveitar esse interesse da mídia para atingir seus propósitos. Membros colaboradores da AVEN têm concedido entrevistas para programas de televisão, de rádio, jornais e revistas. As aparições na televisão parecem privilegiar programas de grande audiência dos canais americanos e ingleses, exibidos internacionalmente através da TV a cabo. É também interessante observar a recorrência de menções aos assexuais na mídia impressa. De todo modo, a internet parece ainda ser o veículo principal de promoção da assexualidade, funcionando também como lugar de interação de pessoas interessadas no tema.

¹⁶ De fato, a palavra “assexual” não é nova na literatura especializada. A sexóloga Helen Kaplan, que será tratada mais adiante, também mencionava o termo “assexuais”, indicando um estado de desinteresse pelo sexo (Kaplan, 1983). Em artigos gerontológicos sobre velhice e sexualidade, o termo aparece desde os anos 80 com relativa frequência, sobretudo como qualificativo, usado na reiterada expressão: “velhice assexual”. Segundo a literatura gerontológica, era contra tal visão “preconceituosa” e “mítica”, reproduzida socialmente sobre as pessoas idosas, que os especialistas deveriam trabalhar, libertando-as dessa representação que resultaria em um obstáculo para uma “velhice bem-sucedida”. As evidências empíricas de baixa frequência de atividade sexual entre grupos mais velhos não é interpretada como desinteresse; o que se cogita é a existência de uma interdição simbólica que impediria a expressão ou a experiência sexual nas etapas mais avançadas da vida (Cf. Brigeiro, 2002).

Na rede AVEN, todas as atividades relacionadas à visibilidade são previamente coordenadas. As ações privilegiadas são aquelas capazes de gerar grande repercussão para o tema, como entrevistas aos meios de comunicação, palestras e *workshops* em universidades, ou mesmo a distribuição de panfletos e participação em manifestações em defesa de grupos sexualmente subordinados. Segundo consta da página web dessa rede, há uma equipe dedicada a organizar as ações de visibilidade, cumprindo o papel de mediadores: recebe, seleciona e divulga as oportunidades para que membros possam voluntariamente colaborar com as solicitações da mídia ou outros interessados. Essa equipe coordena também as convocatórias para as ações internas da rede. Na página web da AVEN todas essas ações de visibilidade eram até há pouco tempo complementadas com a venda de roupas e acessórios com símbolos e mensagens alusivas ao “universo assexual”.

Outro meio importante adotado pelos assexuais para obter visibilidade – e simultaneamente legitimidade – é através da relação que buscam construir com o universo acadêmico e com o dos especialistas.

Frequentemente aparecem na AVEN avisos e convocatórias para que membros da rede contribuam com pesquisas, respondendo a questionários ou concedendo entrevistas. As convocatórias para voluntários para os estudos recebem um lugar de destaque no site, aparecendo logo na página de abertura, no quadro “Digest”, em um item próprio, o “Research”. Geralmente constam aí dados resumidos da pesquisa e um link que conduz o membro ou o visitante da página para uma nova janela onde constam informações detalhadas. Isto implica um trabalho de mediação por parte de uma equipe que recebe e encaminha as solicitações de acadêmicos e cientistas interessados no tema. A Project Team é a equipe responsável pela mediação entre pesquisadores e a comunidade assexual, bem como pela avaliação e o julgamento dos pedidos de colaboração que receberão seu aval. Só serão publicadas no site as convocatórias dos estudos avaliados e aprovados por esta equipe.

A relação de colaboração com as pesquisas acadêmicas é mencionada em outras duas partes do site da AVEN. A primeira consta na opção “About Aven”, do menu principal, onde se explica que a rede pretende ser uma fonte de informações tanto para pessoas em dúvida sobre sua sexualidade, como para amigos, familiares, meios de comunicação, e também para pesquisadores acadêmicos. Todavia, a principal menção se encontra quando se clica sobre o ícone “Contact”, também do menu principal. Ali, as informações se organizam segundo os grupos interessados, entre eles o de pesquisadores.¹⁷ Reproduzo a seguir o texto básico destinado a pesquisadores:

¹⁷ Outros itens são dirigidos aos meios de comunicação; para pessoas assexuais ou em dúvida; familiares, amigos e parceiros.

A Equipe do Projeto AVEN está responsável pelo contato com pesquisadores que queiram conduzir pesquisas sobre a AVEN. Se você gostaria de recrutar participantes de pesquisas através da AVEN ou usar dados de seus fóruns, por favor, leia nossas políticas [link] a respeito e escrevam-nos ao e-mail research@asexuality.org. Nós também temos uma lista de regras para estudantes que queiram coletar dados para trabalhos escolares [link].¹⁸

O link a respeito das políticas para os pesquisadores conduz a uma seção extensa e bastante organizada. Nela constam os tópicos: “Sites para pesquisadores”, “Regras para pesquisadores que queiram recrutar participantes da AVEN”, “Regras para pesquisadores que queiram utilizar dados existentes nos fóruns da AVEN”, “Regras para estudantes que buscam coletar dados para trabalhos escolares”, “Implementação para pesquisadores que desejam recrutar a partir da AVEN”, “Explicações para as regras ao pesquisador”. Diante desse detalhamento, novamente me surpreendo. A clareza do tipo de relação que esperam estabelecer com a ciência, os cuidados com a divulgação científica que se faz para a rede e que replicará informações sobre a assexualidade são bem minuciosos. Denota bastante familiaridade com a linguagem acadêmica e com seus procedimentos usuais, sugerindo uma intenção de controle da relação com o campo científico e do tipo de conhecimento gerado a partir dela.

No interior do primeiro tópico constam vínculos para os sites recomendados, que levam a sites especializados na sistematização e na atualização de informação científica sobre assexualidade e servem de plataforma para auxiliar e orientar os cientistas interessados no tema. Em um deles, o Asexual Studies, está o documento “Open Letter to Researchers”. Tal documento, insistentemente recomendado como leitura prévia ao contato com a Project Team, reúne observações e recomendações metodológicas e conceituais para “facilitar a pesquisa sobre assexualidade e ajudar os pesquisadores a evitar equívocos em que podem facilmente cair”.¹⁹ Uma das principais recomendações feitas aos pesquisadores é que leiam atentamente os sites recomendados, bem como os conteúdos indicativos do que se espera dessa relação de colaboração com a ciência.

É interessante notar como o grau de regulação que se estabelece na colaboração com o campo científico denota tanto a intenção de controlar o conteúdo do que se promove e os aspectos éticos envolvidos na relação com os voluntários, como é sugestivo da familiaridade desses membros das redes assexuais com *ethos*

¹⁸ Extraído de: <http://www.asexuality.org/home/contact.html> [Acesso em 14.09.2012].

¹⁹ Extraído de: <http://asexualitystudies.org/2011/11/27/open-letter-to-researchers/> [Acesso em 11.11.2012].

científico. Esta observação nos traz elementos importantes para a reflexão a respeito dos limites que atualmente se configuram entre leigos e especialistas no campo de estudos da sexualidade.

A promoção da assexualidade no campo científico não se resume somente à cooptação de acadêmicos e estudiosos para pesquisarem e publicarem sobre o tema. Como descrevo na continuação, outras estratégias incluem a publicação de artigos em revistas acadêmicas por parte de membros das redes de assexuais. Antes, porém, descrevo algumas observações sobre a abordagem dos cientistas à assexualidade.

A abordagem dos cientistas

A assexualidade é ainda um tema pouco abordado nas pesquisas recentes sobre o sexo, tal qual já apontam os próprios assexuais a propósito da argumentação que tecem acerca da relevância de estudá-lo. Há de fato poucos estudos publicados a respeito. Os autores dos artigos publicados estão associados a instituições acadêmicas no campo da psicologia experimental, da psicologia clínica, da terapia sexual e da sociologia/serviço social (Bogaert, 2004, 2006; Prause & Graham, 2007; Brotto *et al.*, 2008; Brotto & Yule, 2009; Sherrer, 2008, 2010, entre outros). Nenhum desses autores se situa na área da medicina sexual e da psiquiatria,²⁰ o que é bem sugestivo das diferenças na forma de conceber o desinteresse pelo sexo no campo de estudos da sexualidade. Por outro lado, os estudos sobre a assexualidade têm sido divulgados em revistas destacadas neste campo temático, como *Archives of Sexual Behavior*, *Annual Review of Sex Research*, *The Journal of Sex Research*, *Review of General Psychology*, *Sexualities*, *Journal of Gay & Lesbian Social Services*.

Apesar de sua expressividade numérica reduzida, essa produção merece ser considerada. Através de sua análise é possível ampliar a compreensão acerca dos tipos de conexões entre produção científica e a emergência da assexualidade. Ao acompanhar o tratamento atual da assexualidade por parte do campo especializado, identifico como os assexuais agenciam pesquisadores na elaboração de novas perspectivas sobre a falta de interesse por sexo.

Um dos trabalhos revisados por mim (Sherrer, 2008) aponta que o interesse recente sobre o tema seria um reflexo da promoção realizada na internet pelas

²⁰ Com base no acompanhamento da produção bibliográfica e das reuniões e dos congressos desses ramos científico-profissionais, constato que o tema não lhes tem suscitado a atenção. Isto pode ser interpretado em função de que a equação da assexualidade a respeito do desinteresse pelo sexo não seria afim às suas agendas de pesquisa e reflexão.

comunidades virtuais, e faz referência à AVEN. É interessante notar também que todas as publicações que analisei ratificam a observação já feita por alguns assexuais de que a assexualidade não é uma questão totalmente nova para a ciência, e sim um fenômeno ainda pouco privilegiado, constituindo-se em uma frente de trabalho acadêmico ainda por ser explorada. Fica subentendido que estes mesmos trabalhos são os que vêm, de forma pioneira, colocando o tema na pauta da discussão acadêmica, o que aumenta seu valor segundo certas regras do campo científico.

Vários deles buscam rastrear, como o fazem os assexuais, os primeiros registros da ideia de assexualidade nos estudos acadêmicos, mesmo reconhecendo que os sentidos dados a ela não são absolutamente unívocos. A maioria desses estudos tenta responder ao desafio de “operacionalizar” a assexualidade em estudos empíricos. Seja tratando o tema pela via da expressão do desejo sexual ou através das questões de identidade, os estudos parecem coincidir no sentido de que a assexualidade é uma categoria útil de identificação sexual. De um ou outro modo, ao tratar de um tema novo e, como fizeram ver os assexuais, até negligenciado pelos cientistas, estas pesquisas ganham um *status* especial de originalidade, apresentam-se como inovadoras e ganham os créditos de assentar as bases para futuros estudos.

O aspecto original do tema e sua potencialidade em mobilizar concepções arraigadas no discurso científico parecem justificar o curto lapso de tempo entre o surgimento da AVEN, em 2001, e a publicação do primeiro estudo que menciona os assexuais: o do psicólogo e professor universitário canadense Boegart (2004). Mesmo se tratando de um estudo fundamentado em dados obtidos em um estudo prévio, de tipo populacional, passaram-se somente três anos entre o interesse pelo tema, a recuperação e o tratamento dos dados, a elaboração do artigo e sua publicação em um periódico especializado, o *The Journal of Sex Research*.

A primeira relação a mencionar entre tais estudos e as formulações dos assexuais é que todos os seus autores partem do princípio que a assexualidade é uma orientação sexual. Compartilham em comum com os assexuais que essa orientação sempre existiu como uma condição da experiência humana, o que pode ser inferido com base em resultados de trabalhos de pesquisa anteriores. Partindo de registros encontrados em estudos datados desde os anos 40, baseados somente na descrição de comportamentos e na avaliação subjetiva da orientação sexual de um ou de outro sexo, tanto assexuais como os cientistas que vêm à sua deriva têm de fato colaborado na construção deste novo conceito. Nos estudos recentes dedicados ao tema, a assexualidade não é um adjetivo, tampouco uma categoria residual dos procedimentos de classificação sexual; ela tem um caráter substantivado. Antes um adjetivo, agora uma condição específica que pode ser definida e detalhada.

Nesse sentido, o retratado aqui não se trata de um mero ressurgimento da categoria “assexualidade” na reflexão acadêmica. Entendo a produção científica

corrente como uma nova transcrição desta noção, o que a amplia. Há que ressaltar que os estudos atuais estão atravessados pela elaboração dos assexuais acerca desta noção e aportam consecutivamente para a legitimação do discurso emancipatório dos assexuais. Há alguns aspectos dos artigos revisados que condizem com esta observação. Um deles se refere ao estatuto dado à assexualidade. Esses trabalhos acadêmicos não pretendem com suas reflexões e dados empíricos alimentar a extensão da lista das disfunções sexuais e das tecnologias de intervenção para tratar o desinteresse por sexo. Encontra-se neles uma defesa veemente da assexualidade fora dos registros da psicopatologia e da classificação dos transtornos associados ao desejo sexual. Outro aspecto ressaltado no argumento dos assexuais e que se atualiza nessa literatura é a divisão binária entre sexual e assexual, reificando a assexualidade como um novo domínio da experiência humana.

Com esta reflexão, busco enfatizar como na emergência da assexualidade ocorrem interesses mútuos entre o campo científico e os assexuais. O tema vem sendo pouco a pouco explorado academicamente, segundo os propósitos científicos de expansão ou ampliação, e ao mesmo tempo especialização (Latour, 1997), embalado pelas formulações que os assexuais promoveram. Os interesses de ambas as partes são particulares, mas convergem no que tange à construção da assexualidade como um dado ou um fato científico.

Um assexual no devir especialista do sexo

A oposição usual entre leigos e especialistas requer certa relativização para ser empregada na caracterização dos sujeitos que administram sites assexuais. Considero particularmente que os assexuais são, *grosso modo*, leigos no campo de estudos sobre sexualidade, o que não significa que nas comunidades assexuais não haja membros com familiaridade com o universo acadêmico. A rigorosidade dos procedimentos e o ritualismo característicos do fazer científico são replicados no universo dos assexuais.

Um dos exemplos mais interessantes disso pode ser encontrado no site Asexual Explorations.²¹ Sua finalidade é apoiar a promoção de estudos acadêmicos sobre a assexualidade. Lá se pode encontrar um listado extenso de referências e sugestões de leitura sobre sexualidade e estudos científicos sobre desejo sexual. Entre as recomendações de leitura constantes neste site, incluem-se livros e artigos publicados em revistas especializadas da área médica e psicológica, cuja variedade

²¹ Cf.: <<http://www.asexualexplorations.net/home>>.

vai de obras antigas e clássicas até textos mais recentes.²² Dispõem-se inclusive textos sobre a assexualidade, elaborados pelo autor do site. Há também um blog com o mesmo nome e objetivos análogos, do mesmo autor, onde são divulgadas suas reflexões críticas relacionadas à assexualidade.²³ O blog é constantemente atualizado e ampliado com informações sobre novas pesquisas e publicações. A primeira impressão que tive ao conhecer este site e o blog foi a de que as indicações bibliográficas apresentadas tenham sido levantadas e sistematizadas por uma pessoa com treinamento acadêmico, isto devido à forma como as referências estavam organizadas segundo tópicos específicos e, especialmente, em função dos resumos e dos comentários que acompanhavam os textos ou o conjunto de textos.

A familiaridade com as regras e procedimentos acadêmicos fica também especialmente evidente na seção do site em que apresenta uma agenda com orientações minuciosas para quem pretende desenvolver pesquisas qualitativas e quantitativas sobre a assexualidade e os assexuais. Depreende-se facilmente de sua leitura um considerável empreendimento de pesquisa e revisão bibliográfica e documental. Textos recém-lançados eram mencionados e comentados no blog e logo postados no site, com uma agilidade incrível. Com frequência, em minha própria busca bibliográfica, realizada constantemente em bases de dados, eu encontrava novos textos que, posteriormente eu confirmava já terem sido mencionados em tal blog. Em várias ocasiões era através do próprio site ou blog que me informava sobre um novo texto. Por estas características, considerei a possibilidade de estar diante de um par acadêmico, apesar de que nem o nome, nem as credenciais acadêmicas do autor desse blog e desse site estivessem disponíveis. De fato, ao cruzar as informações de campo, pude confirmar posteriormente que o autor dessas páginas é Andrew Hinderliter, um estudante de doutorado em linguística da University of Illinois e membro ativo da AVEN.

O esforço de Hinderliter em promover o estudo sobre a assexualidade não se restringe somente aos procedimentos de busca e sistematização bibliográfica e documental. Ele também faz parte do Project Team da AVEN, equipe responsável pelos contatos de colaboração com os pesquisadores.²⁴ Indo mais além, e contribuindo com a legitimação dessa categoria através do discurso científico-especializado, ele tem se dedicado a escrever e a publicar artigos sobre o tema, seja através de seu site, seja em meios de divulgação acadêmicos.

²² É de se notar que esta pesquisa bibliográfica não inclui a produção intelectual de feministas e estudiosas de gênero. Isso reflete a observação etnográfica mais geral de que o discurso dos assexuais não faz referência em absoluto às questões de gênero.

²³ Cf. asexystuff.blogspot.com

²⁴ Cf.: <http://asexualnews.com/index.php/news/619-hinderliter-forms-new-aseexual-studies-group>

Hinderliter teve em 2009 seu primeiro artigo sobre assexualidade publicado em um renomado periódico especializado em sexualidade, o *Journal of Sexual Behaviour*. O objetivo do texto é pautar determinadas questões metodológicas para o estudo da assexualidade. Está mencionado no corpo do artigo que as discussões apresentadas foram tecidas à luz da própria experiência do autor como um membro de uma comunidade assexual. No entanto, no espaço reservado às credenciais, consta somente a indicação de pertencimento à instituição em que realiza seu curso de doutorado. No entanto, não é evocada no artigo a informação de que Hinderliter é também autor do blog e do site Assexual Exploration.

Trata-se de um artigo curto, de três páginas. Nele, Hinderliter analisa a produção científica sobre o tema então existente, discute as formas de definição da assexualidade pelos cientistas e identifica problemas e limitações em suas abordagens. A linguagem acadêmica empregada no texto não dista de outros artigos normalmente publicados neste e em outros periódicos especializados. Há objetividade e clareza da escrita, uma preocupação com a precisão dos conceitos e apresenta o estado da arte sobre o tratamento acadêmico do tema, com recurso às citações e referências. Emprega termos como “definição operacional” e “instrumentos de estudo da assexualidade”. O contexto geral de sua crítica é o de que as considerações que têm sido aprendidas e construídas pelos assexuais através das interações que estabelecem não vêm sendo consideradas na formulação das pesquisas acadêmicas.

O autor chama a atenção para uma menor fluidez verificada nas definições dadas pelos pesquisadores, seja em relação ao modo estanque de definir a assexualidade (em vez de uma definição mais gradiente), seja em termos de sua invariabilidade ao longo da vida. Hinderliter não busca chegar a uma definição fechada sobre o que a assexualidade significa. Seu interesse parece ser exatamente o da defesa de uma definição mais ampla. O propósito do artigo é realmente dar sugestões para que os desenhos das pesquisas possam ser mais hábeis em captar a fluidez e as nuances que envolvem a identidade assexual. Conforme ele argumenta, seu artigo seria de cunho metodológico. Identifica os limites dos instrumentos e dos procedimentos de seleção de participantes das pesquisas atuais (quantitativas e qualitativas). Adicionalmente, o autor reitera algumas reflexões metodológicas derivadas dos estudos, como o emprego de enquetes fundamentadas em questionários sobre função e disfunção sexual, e a presença de valores sexuais normativos que subjazem a algumas enquetes.

Ainda sobre o artigo, é interessante observar a repercussão gerada por seu texto. Mesmo sendo sintético e seu autor apresentando-se como um membro de uma comunidade assexual, o artigo recebeu comentários, sob a forma de um artigo de resposta, de duas acadêmicas da University of British Columbia, do Canadá, ambas psicólogas, uma do Departamento de Ginecologia e outra do de Psicologia (Brotto

& Yule, 2008). Neste artigo, publicado pelo próprio *Journal of Sexual Behaviour*, as autoras realizam algumas esclarecimentos sobre a proposta de Hinderliter, mas, em síntese, elogiam a perspectiva metodológica proposta por ele. Com base em uma consulta ao currículo e na produção bibliográfica das autoras, constato que Brotto, além de pertencer ao comitê editorial do citado periódico, é membro de um comitê de profissionais envolvidos no processo de revisão da classificação dos transtornos relativos ao desejo sexual na futura versão do DSM (Brotto, 2009). Cabe reiterar que Brotto já havia publicado um ano antes, com alguns colaboradores, um artigo sobre a assexualidade (Brotto *et al.*, 2008). As conexões entre esta médica e os assexuais aparecem também em outros registros na internet.

Hinderliter é também autor de outros três textos postados em seu site (s/d) e publicou neste ano outro artigo em um dossiê temático sobre sexualidade que foi organizado para um número da *Psychology & Sexuality* (Hinderliter, 2013). Aqui, como em seus textos anteriores, não se desenvolve uma reflexão propriamente linguística, área de conhecimento do autor. O artigo mais recente trata das diferenças que existiriam entre a assexualidade e o transtorno do desejo sexual hipoaetivo.

Considerações finais

A emergência de redes ou pessoas assexuais, assim como os debates em torno da medicalização do desejo sexual e seu corolário de novas definições e tecnologias de intervenção nos oferecem pistas para refletir sobre os elementos que estão em jogo na discussão contemporânea sobre o sexo. Ao acompanhar sistematicamente as experiências de discriminação e alteridade descritas pelos assexuais, nota-se como a expressão do desejo sexual se constitui como um elemento de diferenciação social. Já não se debate socialmente e pelos especialistas somente o objeto ao qual se vincula o interesse sexual ou, em outras palavras, o tipo de desejo sexual que caracterizaria os sujeitos. Destaca-se o interesse ou o desejo sexual em si mesmo.

Busquei neste artigo apresentar algumas notas sobre a emergência da assexualidade, privilegiando os processos indicativos de sua abordagem no campo científico-especializado. A descrição das linhas que compõem essa trama permite ressaltar um aspecto interessante para a análise da antropologia da ciência e, em particular, para a reflexão sobre a produção de conhecimento especializado sobre sexualidade. Refiro-me às relações entre as políticas sexuais e a produção de conhecimento. Estas podem ser tensas, dar-se indiretamente ou se estabelecerem sob o formato de alianças. Este aspecto aparece reiterada vezes ao longo da história dos saberes sobre sexualidade. A relação entre política sexual e ciência foi constitutiva, por exemplo, da Liga Mundial para a Reforma Sexual, nos primórdios da ciência do sexo (Dose,

2003; Matte, 2005); é notória no processo de reformulação e nas articulações que foram engendradas para a retirada da homossexualidade do DSM-III no final dos anos 70 (Bayer, 1987); e fica evidente também na análise do impacto do feminismo sobre tal campo científico (Pollis, 1988). Sob condições obviamente particulares, tais eventos históricos nos remetem à importância desta relação.

Como tento argumentar ao longo deste artigo, os processos de produção de conhecimento especializado sobre o sexo envolvem instituições diversas, bem como a interação, a negociação e as disputas entre vários atores que, segundo circunstâncias específicas, constroem as definições sobre o desejo sexual a partir das quais o desinteresse pelo sexo pode ser formulado. Ao refletir acerca dos saberes sobre a sexualidade, é importante chamar a atenção para os diferentes agentes envolvidos na construção de fatos científicos neste campo, colocando o campo científico em uma malha de conexões mais amplas.

Cabe ainda uma última anotação. Na relação entre o discurso dos assexuais e o dos cientistas, encontro um fenômeno sugestivo para a análise das formas atuais de definições e da interação entre leigos e peritos, o que tem sido observado em outros estudos etnográficos (Bastos, 2002; Ferreira, 2012, entre outros). O fenômeno a que me refiro abarca as dinâmicas de legitimação dos discursos de não especialistas, especialmente através de sua disseminação na internet. Como argumenta Almeida (2009a, 2009b), a emergência de redes na internet vêm afetando o monopólio do modo acadêmico de produzir conhecimento. Seguindo uma perspectiva dialética, o autor observa que a horizontalidade e a democratização que se associam à produção de informações na internet são aspirações ideais, e que a web também comporta hierarquias. Mesmo com ressalvas, Almeida advoga por uma potencialidade subversiva das redes no que tange ao monopólio da produção e do poder da informação. Para ele, as redes corporificam “inteligentes coletivos” e, através delas, milhares de participantes contribuem para a definição de conceitos. Podem competir com os sistemas dominantes, pois conjugam capacidade de processamento, criação e armazenamento de informação de forma rápida, intensa e de baixo custo.

No caso da legitimação em torno da assexualidade, a interferência que provocam certos membros das redes de assexuais no campo de produção de conhecimentos não pode ser considerada uma mera competição por afirmar quem tem de fato legitimidade para proferir verdades sobre o sexo. Tampouco a relação entre assexuais e cientistas pode ser entendida exclusivamente como de caráter utilitarista de ambas as partes. De fato, há interesses mútuos em jogo. Os cientistas que vêm estudando a assexualidade não estão vinculados ao campo da medicina sexual e não compactuam abertamente com a perspectiva biomédica de classificar o desinteresse por sexo como uma disfunção e tampouco com a farmacologização como resposta. Seu interesse no tema parece estar bastante associado ao que ele representa no uni-

verso científico: uma problemática que traz questões novas e amplia o horizonte de trabalho acadêmico. E este não seria o único traço constitutivo do *ethos* científico clássico em jogo. Há que se considerar também que, ao estudar os assexuais, os pesquisadores concorrem pelos créditos por publicar sobre um tema que se constrói como objeto de grande importância e ainda pouco privilegiado pela academia.

Por outra parte, os assexuais também compartilham em certa medida desse *ethos*. É patente na observação do universo dos assexuais a existência de uma crença na ciência, especialmente como força neutra e iluminadora da verdade. Conforme já apontara Rubin (1993 [1984]), as pesquisas empíricas sobre o sexo contribuíram para uma releitura, mais positiva, da variação sexual, além de evidenciarem publicamente informações detalhadas sobre as diferentes possibilidades sexuais. Para esta autora, o suporte empírico seria favorável a uma teoria sobre sexualidade tendente a caracterizar e denunciar as injustiças e a opressão relacionados com o domínio erótico. Esta aposta na produção do conhecimento como via de validação da diversidade, mesmo às avessas, parece permear a emergência da assexualidade. A legitimação científica não seria nesse sentido um meio para alguns assexuais, mas um fim em si. Membros de suas comunidades não só têm proposto que acadêmicos estudem a assexualidade e a coloquem na pauta científica, como têm participado ativamente do debate no interior do campo. Parece configurar-se uma aliança com certo ramo do conhecimento, o que, por sua vez, exemplifica as nuances das conexões existentes entre políticas sexuais e políticas científicas.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Mauro. 2009a. “Redes generalizadas, mentes coletivas e subversão da ordem”. Versão revisada da aula pública proferida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Junho de 2009. Mimeo
- ALMEIDA, Mauro. 2009b. “Sistema, campo e redes”. Versão reelaborada da palestra proferida no Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP, 28 de novembro de 2009.
- BANCROFT, John. 2004. “Alfred C. Kinsey and the Politics of Sex Research”. *Annual Review of Sex Research*. Vol. 15, p. 1-39.
- BASTOS, Cristiana. 2002. *Ciência, poder, ação: as respostas à Sida*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 258 p.
- BAYER, Ronald. 1987. *Homosexuality and American Psychiatry: the politics of Diagnosis*. New Jersey: Princeton University Press. 249 p.
- BOGAERT, Anthony. 2004. “Asexuality: Prevalence and Associated Factors in a National Probability Sample”. *The Journal of Sex Research*. Vol. 41, nº 3, p. 279-287.
- BOGAERT, Anthony. 2006. “Toward a Conceptual Understanding of Asexuality”. *Review of General Psychology*. Vol. 10, n. 3, p. 241-250.
- BRIGEIRO, Mauro. 2002. “Envelhecimento Bem-sucedido e Sexualidade – Relativizando uma problemática”. In: BARBOSA, R.M. *et al.* (orgs.). *Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva*. 1ª. ed. Campinas: Unicamp. 447 p.
- BROTTO, Lori *et al.* 2008. “Asexuality: A Mixed-Methods Approach”. *Archives of Sexual Behavior*. Vol. 39, n. 3, p. 599-618.
- BROTTO, Lori & YULE, Morag. 2008. “Reply to Hinderliter (2009)”. *Archives of Sexual Behavior*. Vol. 38, p. 622-623.
- BROTTO, Lori. 2009. “The DSM Diagnostic Criteria for Hypoactive Sexual Desire Disorder in Women”. *Archives of Sexual Behavior*. Vol. 39, n. 2, p. 221-39.
- CUPANI, Alberto. 1998. “A propósito do Ethos da ciência”. *Episteme*. Vol. 3, n. 6, p. 16-38.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1995. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia* (vol. 1). São Paulo: Editora 34. 94 p.
- DOSE, Ralf. 2003. “The World League for Sexual Reform: Some Possible Approaches”. *Journal of the History of Sexuality*. Vol. 12, n. 1, p. 1-15.
- FERREIRA, Carolina Branco de Castro. 2012. *Desejos Regulados: Grupos de Ajuda Mútua, Éticas Afetivo-Sexuais e Produção de Saberes*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas.
- GARCIA, José Luís & MARTINS, Hermínio. 2011. “El ethos de la ciencia y sus transformaciones contemporáneas, com especial atención a la biotecnología”. In: GONZÁLEZ DE LA FE, T. & LÓPEZ-PELÁEZ, A. (eds.). *Innovación, conocimiento científico y cambio social: ensayos de sociología ibérica de la ciencia y la tecnología*. Madrid: CIS. 216 p.

- GARCIA, José Luís. 2010. "Tecnologia, mercado e bem-estar humano: para um questionamento do discurso da inovação". In: COSTA, M.S. & NEVES, J.P. (eds.). *Tecnologia e Configurações do humano na era Digital: contribuições para uma nova sociologia da técnica*. Ermesinde: Ecocopy. 245 p.
- HINDERLITER, Andrew. 2009. "Methodological Issues for Studying Asexuality". *Archives of Sexual Behavior*. Vol. 38, p. 619-621.
- HINDERLITER, Andrew. 2013. "How is asexuality different from hypoactive sexual desire disorder?". *Psychology & Sexuality*. Vol. 4, n. 2, p. 167-178.
- HINDERLITER, Andrew. s/d. *Reflections on defining asexuality*. Extraído de: http://www.asexualexplorations.net/home/documents/Reflections_on_defining_asexuality.pdf
- HINDERLITER, Andrew. s/d. *Asexuality: the history of a definition*. Extraído de: http://asexualexplorations.net/home/documents/asexuality_history_of_a_definition.pdf
- KAPLAN, Helen. 1983. *O Desejo Sexual e os Novos Conceitos e Técnicas da terapia do Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 232 p.
- LATOUR, Bruno. 1997. *A vida de Laboratório. A produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 310 p.
- MATTE, Nicholas. 2005. "International Sexual Reform and Sexology in Europe, 1897-1933". *CBMH/BCHM*. Vol. 22, n. 2, p. 253-270.
- MERTON, Robert. 2002 [1949]. *Teoria y estructura sociales*. México: Fondo de Cultura Económica. 778 p.
- POLLIS, Carol. 1988. "An Assessment of the Impacts of Feminism on Sexual Science". *The Journal of Sex Research*. Vol. 25, n. 1, p. 85-105.
- PRAUSE, Nicole & GRAHAM, Cynthia. 2007. "Asexuality: Classification and Characterization". *Archives of Sexual Behavior*. Vol. 36, p. 341-356.
- RUBIN, Gayle. 1993 [1984]. "Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality". In: ABELOVE, H.; BARALE, M. & HALPERIN, D. (eds.). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Nova York, Routledge. 666 p.
- SCHERRER, Kristin. 2008. "Coming to an Asexual Identity: Negotiating Identity, Negotiating Desire". *Sexualities*. Vol. 11, n. 5, p. 621-641.
- SCHERRER, Kristin. 2010. "What Asexuality Contributes to the Same-Sex Marriage Discussion". *Journal of Gay & Lesbian Social Services*. Vol. 22, n. 1, p. 56-73.